

AGRAMATISMO: UM ESTUDO DE CASO EM PORTUGUÊS*

Reny Maria GREGOLIN GUINDASTE

ABSTRACT *The linguistic facts of agramatism, a type of aphasia that is different from the others because of its syntactic nature, have aroused interest among linguists. The aim of my doctoral dissertation, summarized here, was to present a characterization of this type of aphasia and to analyse a case of agramatism in portuguese. The longitudinal approach made it possible to detect some linguistic progresses in the patient, who advanced from a severe case of grammatical loss to a moderate one. These degrees of severity could be established when the syntactic impairments of P's agramatism, were related to the hierarchy of functional categories, according to FRIEDMANN and GRODZINSKY (1995).*

RESUMO *Os fatos lingüísticos do agramatismo, um tipo de afasia que se distingue das demais devido a sua natureza sintática, têm despertado o interesse de muitos lingüistas. O objetivo de minha tese de doutorado, aqui resumida, foi caracterizar esse tipo de afasia e analisar um quadro de agramatismo em português. O acompanhamento longitudinal permitiu verificar que o paciente obteve progressos lingüísticos, passando de um quadro de agramatismo severo para moderado. Esses graus de severidade puderam ser estabelecidos quando os problemas do agramatismo de P. foram relacionados à hierarquia das categorias funcionais, conforme propõem FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995).*

Com o objetivo de apresentar e analisar um quadro de agramatismo em português, acompanhei longitudinalmente (1984 a 1995) dados de linguagem patológica “do caso P.”, um sujeito do sexo masculino, com segundo grau completo, atualmente com 61 anos, portador de lesão cerebral adquirida. O diagnóstico tomográfico revelou enfarto na área temporoparieto-occipital esquerda, conforme descrição feita por COUDRY (1988).

A Gramática Gerativa, proposta por CHOMSKY, a partir dos anos 80, serviu como ancoragem teórica para análise dos fatos do agramatismo de P. quanto à produção e compreensão.

* Texto resultante da Tese de Doutorado com o mesmo título apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, em 30 de janeiro de 1996, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry.

Embora a quantificação fosse significativa, havia necessidade de explicar a qualidade das estruturas de P. para caracterizar o agramatismo. Por isso, selecionei dentre as fitas degravadas, longos episódios de entrevistas, para tornar públicos dados do agramatismo em português, tarefa esta iniciada por COUDRY (1988).

Como amostra dos dados do início do acompanhamento, o episódio a seguir é representativo:

[14.06.1984]

INV.: – O homem e a mulher, o que estão fazendo na frente da televisão?

P.: – Filme ...

INV.: – É filme, mas o que eles estão fazendo?

P.: – Assistindo.

INV.: – E essa menina?

P.: – Piano. Piano é tocar.

Embora esporadicamente, mas permanecendo longo tempo na sua gramática, observa-se quanto à instabilidade das marcas de flexão verbal, que o paciente faz uma seleção inadequada de flexões nominais para itens verbais. Nos dados a seguir, tal seleção descombinada (conforme a terminologia de GRODZINSKY, 1984) revela-se, inclusive com a regressão para a forma infinitiva. Os dados a seguir mostram um desses percursos em que o paciente tenta reorganizar a flexão verbal desestruturada.

[21.03.1986]

INV.: – O que aconteceu?

P.: – Quase caiu.

INV.: – Quase ou caiu?

P.: – Caiu.

INV.: – O que que caiu?

P.: – Fotos.

INV.: – Então fala ... As três fotos caíram.

P.: – Três fotos.

INV.: – Caíram.

P.: – Caidos, cairos, caindo, cair.

Outro fato que demonstra instabilidade das marcas de flexão é verificado pela tendência de marcar o tempo verbal com o passado do verbo de ligação, o que revela o caminho para a reconstrução desta categoria funcional por parte do paciente. Nos dados de 1986, observamos que ao selecionar a flexão do pretérito perfeito, esta é acoplada ao verbo “ser” e não é selecionado o item verbal adequado, o que mostra que, estando desestabilizada a categoria funcional, o paciente passa a ter dificuldades inclusive com a seleção lexical que não constitui o foco do seu déficit.

[07.02.1986]

INV.: – O que eu pedi para o senhor marcar na agenda?

P.: – Chuva. Ontem não foi.

INV.: – Ontem não choveu?

P.: – Em casa não.

Em 1992 começam a emergir algumas subordinações e construções com dois verbos, embora as instabilidades do quadro ainda se façam presentes, conforme demonstra o dado a seguir. O paciente demonstra ter adquirido a categoria tempo, mas faz tentativas para a construção da flexão verbal de concordância de pessoa, o que demonstra que AGR está instável na gramática desse quadro de agramatismo.

[06.04.1992]

INV.: – Leu?

P.: – Isso daqui, né? Leu.

INV.: – Hum?

P.: – Leio. Leu.

Na sessão de [23.07.1992], em que as dificuldades de P. estavam sendo provocadas pelo investigador para serem exibidas, também fica evidente que P. “lida” melhor com a linguagem do que no início do acompanhamento longitudinal, pois a seqüência de sentenças demonstra seu progresso lingüístico:

[23.07.1992]

INV.: – Mas por que o senhor foi ver o Pavarotti? Eu não fui.

P.: – Eu sei. Eu tava lá perto da agência da Varig ... tava esperando ônibus... depois o bilhete tava...

[15.07.1994]

INV.: – Por que o senhor não veio segunda passada, que teve grupo?

P.: – Eu tava no ponto, aquela senhora japonesa estava lá esperando. Era ... vim aqui, estava fechado.

Em 1994 confirma-se a competência de P. para produzir sentenças com objeto direto na posição de tópico, fato este semelhante ao que observou PACKARD(1993) num caso de agramatismo em mandarim.

[15.07.1994] – O bolo menino comeu.

[07.11.1994] – O gravador emprestou.

[07.11.1994] – Gravador emprestei ao lado.

[07.11.1994] – Este eu comprei lá no Shopping.

[07.11.1994] – Relógio comprei em Campinas.

Para demonstrar o progresso obtido pelo paciente P., no processo de re aquisição da sintaxe, foi feita a quantificação dos dados de produção de sentenças de 1984 a 1994. Foram consideradas 1.364 realizações, com três tipos de sentenças simples: a sentença transitiva simples SVO, sentenças com verbo intransitivo (SV) e as sentenças com verbo de ligação e predicativo (SVP).

Quanto às flexões verbais, foram consideradas somente as empregadas adequadamente. Foram eliminadas situações de avaliações, como os episódios em que o investigador provoca repetição de sentenças e sessões de leitura, exceto quando ocorreu produção espontânea, em meio ao episódio de entrevista.

As instabilidades e o progresso do paciente em relação à produção de sentenças, nos dez anos de acompanhamento longitudinal, ficam evidentes na tabela , a seguir. Pela tabela nº 1 verifica-se que, em 1984, as projeções abaixo de VP (nomes e verbos sem flexão produzidos isoladamente) correspondiam a 72,7%, passando a 22,2% em 1994.

Esta tendência se inverte ao longo de dez anos de acompanhamento. Em 1994 as projeções acima de VP (verbos com flexão e sentenças completas) passam a 77,7%, enquanto em 1984 correspondiam a 27,2%.

TABELA Nº 1 - PROJEÇÕES ATÉ VP e ACIMA DE VP

ANO	PROJEÇÕES até VP (%)	PROJEÇÕES acima de VP (%)
1984	72,7	27,2
1985	62,3	37,6
1986	62,0	37,9
1987	68,0	31,9
1988	67,9	32,2
1989	60,4	23,1
1990	51,1	48,9
1991	63,8	36,2
1992	38,9	61,1
1994	22,2	77,7

Tendo sido evidenciado que o problema de P. estava relacionado à competência para construir estruturas sintáticas com categorias funcionais, foram investigadas estruturas nas quais essas categorias estavam presentes: interrogativas, passivas e relativas.

A primeira categoria funcional investigada, para confirmar a caracterização do caso de agramatismo em português, foi INFL, pois se não houver INFL não há projeção da sentença. Constatei que esta categoria estava em re aquisição, conforme demonstram os percentuais da tabela anterior. Este achado admitiu assumir a presença de INFL na gramática do agramatismo em português, confirmando o que postularam LONZI e LUZATTI (1993), para o agramatismo em italiano.

Continuando a investigação das categorias funcionais, destaquei as construções interrogativas com “Qu”, relacionando a questão da categoria “Qu” a INFL. Começou a se evidenciar que uma cadeia era facilmente representada no agramatismo se a ligação ocorresse com categoria lexical, como na estrutura com tópico-objeto, produzida sem problemas pelo paciente. Mas quando estavam presentes outras categorias funcionais, como COMP, a estrutura era mais difícil ao paciente: P. representava a cadeia “Tópico-t_i” e tinha mais dificuldade com a cadeia “Wh_i-t_i”. Havia, porém, indícios de reaquisição de estruturas com “Qu”. O dado abaixo mostra um episódio de entrevista no qual o investigador tem a intenção de obter do paciente estruturas com movimento de “QU”.

[06.04.1992]

INV.: – O senhor vai perguntar pra mim o que eu comi?

P.: – Você foi lá na.

INV.: – O senhor não vai perguntar onde eu fui.

P.: – Laranja ou ... Você foi aonde?

INV.: – Eu fui na cantina.

P.: – Mas, comeu...

INV.: – **Não é para adivinhar, é para perguntar. Se não o senhor vai**

falar

todas as comidas do Brasil e não vai adivinhar.

P.: – Você foi aonde?

INV.: – Na cantina.

P.: – Era ... como chama? ... Almoço ... Sanduíche...

INV.: – Pergunta o que eu comi.

P.: – Como chama?

INV.: – O senhor Antonio vai perguntar para o senhor o que o senhor comeu hoje.

Sr. A.: – O que você comeu hoje?

P.: – Como chama? ... Misto quente. E você?

INV.: – Eu quero que o senhor faça a pergunta inteira.

P.: – Antonio, você comeu aonde?

INV.: – Onde é na cantina. É “o que”. Antonio, o que você comeu?

P.: – Você comeu aonde?

INV.: – Aonde é na cantina. Ele não pode comer caixa, bar.

P.: – Almoço ou ...

INV.: – Foi almoço. Pergunta o que ele comeu no almoço.

P.: – Sanduíche ou almoço?

INV.: – Responde o que o senhor comeu.

Sr. A.: – Sanduíche.

A insistência para perguntar “e você?”, ao invés de formulação da estrutura completa com “Qu”, permite avaliar a competência interna de P. para interrogativas.

Visando explicar que a dificuldade do paciente P. na produção de passivas estava também relacionada às categorias funcionais, evoquei o estudo de OUHALLA (1991), que propõe a existência de uma categoria funcional adicional nessas estruturas, e o trabalho de NUNES (1994), baseado em BAKER et al. (1989). Estes últimos procuram explicitar as cadeias não-triviais presentes na passiva, relacionadas às questões de concordância. Retomei o trabalho de GRODZINSKY (1984), sobre a compreensão de passivas no agramatismo em hebraico e em inglês, e o de HAGIWARA (1993), sobre o japonês, que, baseados na hipótese do apagamento de vestígio, afirmam que seus pacientes não compreendem passivas. Constatei que esta hipótese não dava conta dos fatos lingüísticos do agramatismo em português, pois o paciente P. compreendia passivas, embora tivesse problemas na repetição e montagem de sentenças com cartões.

Os dados abaixo são representativos da falta de competência de P. para essas estruturas:

[07.02.1987]

INV.: – O que o fogo fez no Eldorado?

P.: – O fogo queimou o Eldorado.

INV.: – O Eldorado...

P.: – Queimou.

INV.: – Foi queim ... queima...

P.: – Foi queimou ... queimou.

INV.: – Foi queimado.

P.: – Foi queimado...com...pela...

INV.: – Não ... pela fogo não dá ... pel ...

P.: – Pelo fogo.

Outro episódio que mostra a compreensão de sentenças passivas pelo paciente P. e a dificuldade de montar a estrutura da sentença com cartões, ou repeti-la, é o que se segue.

[15.07.1994]

INV.: – Repete: O menino comeu o bolo.

P.: – O menino comeu o bolo.

INV.: – O bolo foi comido pelo menino.

P.: – Menino ...

INV.: – Escuta primeiro: O bolo foi comido pelo menino.

P.: – O bolo comeu ... não ... o bolo ...

INV.: – O bolo foi comido pelo menino.

P.: – O bolo comi ... não. O bolo ... o bolo ... menino comeu. Tá certo?

INV.: – O senhor disse: O bolo, menino comeu. Mas não é isso que é para o senhor repetir. O bolo foi comido pelo menino.

P.: – O bolo ...

INV.: – O bolo foi comido pelo menino.

P.: – O bolo comeu ... não.

INV.: – Foi comido pelo menino.
P.: – O bolo comeu.
INV.: – O bolo foi comido ...
P.: – O bolo foi comido.
INV.: – Eu coloquei cartões aqui. Vamos ver se o senhor consegue juntar.
– O que o senhor pôs aí?
P.: – O bolo ... comeu ...
INV.: – O bolo comido ...
P.: – O bolo, né?
INV.: – Ficou assim: O bolo comido foi pelo menino. Está bom?
P.: – Não.
INV.: – O senhor arranjou diferente.
P.: – O bolo comeu.
INV.: – Comido.
P.: – Comido para menino.
INV.: – O bolo comido pelo foi menino.
P.: – O bolo comeu ... O bolo menino ...
INV.: – O bolo foi pelo comido menino. Agora leia esta frase.
P.: – O bolo foi comido pe...
– O bolo foi comido pelo menino.
INV.: – Isso o senhor leu. Agora responde: Quem comeu o bolo?
P.: – Menino.
INV.: – O que o menino fez?
P.: – Comeu o bolo.
INV.: – Repete de novo: O bolo foi comido pelo menino.

P.: – O bolo foi comido ... o bolo foi comido do menino ... menino ... menina ... menina.

INV.: – Pelo menino.
P.: – O bolo foi comido de ... de ...
INV.: – Pelo menino, menino ... menino.
P.: – De ... pelo.
P.: – O bolo foi comido pelo menino.

As instabilidades ocorridas neste episódio, para repetição de passiva, demonstram a insuficiência de avaliar os dados do agramatismo apenas através de quantificação e evidenciam que o paciente repete a estrutura e chega a montá-la, mas após inúmeras tentativas. Estas instabilidades só o acompanhamento longitudinal pode demonstrar, o que coloca em dúvida todas as avaliações clássicas, feitas através de dados de poucas sessões, como ocorre em MENN e OBLER(1990), que apesar de apresentar dados de agramatismo em 14 línguas, consideram apenas duas sessões de entrevista: uma em que o paciente é questionado sobre uma gravura e outra em que conta a história do chapeuzinho vermelho.

A fim de obter uma visão panorâmica do quadro do agramatismo em português e estabelecer os problemas sintáticos, foram investigadas também as estruturas relativas,

nas quais os problemas de compreensão se exibiram. Selecionei estruturas relativas, conforme CORRÊA (1986) procedeu para estudos de aquisição, e apresentei-as ao paciente para verificar a sua compreensão. Embora fossem retomados trabalhos sobre o assunto, como os de CAPLAN (1993), GRODZINSKY (1989), HICKOK et al. (1993) e MAUNER et al. (1993), não pôde ser estabelecida uma razão explicativa adicional para a dificuldade com estas estruturas, além do rompimento da estrutura sintática provocado pela presença de categorias funcionais.

Como as estruturas relativas não se exibiam nos dados de produção, foram feitas investigações sobre a compreensão, capacidade de repetição e montagem de sentenças com cartões.

Foram testadas para verificação da compreensão estruturas tais como:

[23.3.1990]

- O guarda que CV está vigiando o bêbado é alto.
- A mulher que CV está fotografando a menina é bonita. .
- Os homens que a mulher puxa CV são fortes.
- O bêbado que o guarda vigia CV é careca.

Das 28 sentenças, 14 eram relativas com categoria vazia na posição de sujeito, e destas, o paciente erra apenas 2, enquanto das 14 sentenças com categoria vazia na posição de objeto o paciente erra apenas 5, obtendo também um resultado acima de 50%.

Apesar do resultado quantitativo ser acima da média, em ambas as estruturas, a dificuldade na construção de estrutura relativa ficou evidente numa situação de avaliação integrada ao acompanhamento, em que o paciente deveria montar sentenças recortadas em cartões. A cada montagem o investigador lia a sentença, e o paciente, demonstrando manter a sensibilidade para estruturas mal formadas, rejeitava a estrutura que ele mesmo havia arranjado.

[15.07.1994]

- INV.: – A fita que a Maza gravou ficou ruim. O senhor entendeu?
- P.: – Sei.
- INV.: – Repete pra mim.
- P.: – A fita... grava fita Maza gravou...ruim. Gravador tá meio... ruídos.
- INV.: – Tem ruídos.
- INV.: – Repete. O gato que comeu o queijo é preto.
- P.: – O gato ... O gato... comeu o queijo o gato ... comeu. O queijo preto.
- INV.: – O queijo era preto?
- P.: – Não.
- INV.: – Quem era preto? Repete...
- P.: – Gato.
- INV.: – Repete a frase toda sozinho.
- P.: – O gato... gato... como chama? ... O gato comeu...
- INV.: (montagem com cartões): O gato que comeu o queijo é preto.

- INV.: – O queijo é preto?
 P.: – O gato comeu o queijo, como é... preto?
 P.: – O gato comeu o queijo.
 INV.: (ajuda a arrumar os cartões e coloca): O gato que...
 P.: – O gato comeu o queijo. (não lê “que”)
 INV.: – Quem é preto?
 P.: – O gato comeu o queijo preto.
 INV.: – O gato que comeu o queijo é preto. É o queijo que é preto?
 P.: – Não ... mais...
 INV.: – Quem é preto, então?
 P.: – Então, é o gato.
 P.: – O gato comeu o queijo... como chama?
 INV.: – Nós estamos fazendo um teste que é exatamente onde residem suas dificuldades.
 P.: – É isso aqui, ó! (mostra o cartão com o “que”)
 INV.: – É mais difícil para o senhor?
 P.: – Esse um.
 INV.: – O senhor não pôs o “que”. (repete a sentença)
 P.: – Que...
 P.: – O gato comeu o queijo preto.

Em meio aos testes de compreensão, a dificuldade com a construção de relativas ficou confirmada através de testes de repetição e de montagem de sentenças com cartões. O fato de P. produzir “Fita Maza gravou ... ruim” demonstra compreensão, pois o paciente ainda explica: “Gravador tá meio ... ruídos”. Ficou evidente que P. compreende, mas não produz estruturas como esta.

Foram testadas doze estruturas com sentenças relativas, sem auxílio de gravuras. Das doze sentenças testadas, P. acertou apenas três, tendo sido verificado queda no desempenho. Provavelmente as gravuras com a situação encenada permitiram ao paciente que estratégias não-sintáticas fossem convocadas.

A respeito das relativas, GRODZINSKY (1989) afirma que os pacientes tinham desempenho acima de 50% em relativas com categoria vazia na posição de sujeito e abaixo de 50% em relativas com categoria vazia na posição de objeto. Esse resultado não se repetiu no estudo de caso do português, o que demonstrou que o paciente P. não fazia uso regular da estratégia “Default”, designando papel de agente ao primeiro SN da estrutura, tal como propôs GRODZINSKY (1990).

No caso P. foram constatados problemas de compreensão, inclusive em relativas com categoria vazia na posição de sujeito e problemas de compreensão da sentença matriz, fato também mencionado por HICKOK e AVRUTIN (1995) e por HICKOK et al. (1993), contrariando o que prediz GRODZINSKY (1990), que, postulando o princípio “Default”, afirma que os pacientes têm compreensão de relativas com sujeito vazio.

No estudo de caso do português ficou evidente que quando há cadeia envolvendo categoria funcional, como no caso de relativas, e havendo interrupção da cadeia, o

desempenho do paciente é abaixo da média, tanto em relativas com categoria vazia na posição de sujeito, quanto com categoria vazia na posição de objeto, quando apenas o conhecimento lingüístico for exigido. Mas o cancelamento da categoria funcional COMP pode manter a compreensão da estrutura contendo oração relativa, quando algum elemento extralingüístico for fornecido pela situação discursiva ou pela gravura.

A análise de dados, focalizando várias estruturas, permitiu estabelecer a competência do paciente para produção e compreensão. Conforme a tabela 2, a seguir, o grau de severidade da síndrome é mais grave na produção do que na compreensão.

TABELA Nº 2 - A PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DE ESTRUTURAS EM PORTUGUÊS NO AGRAMATISMO DE P.

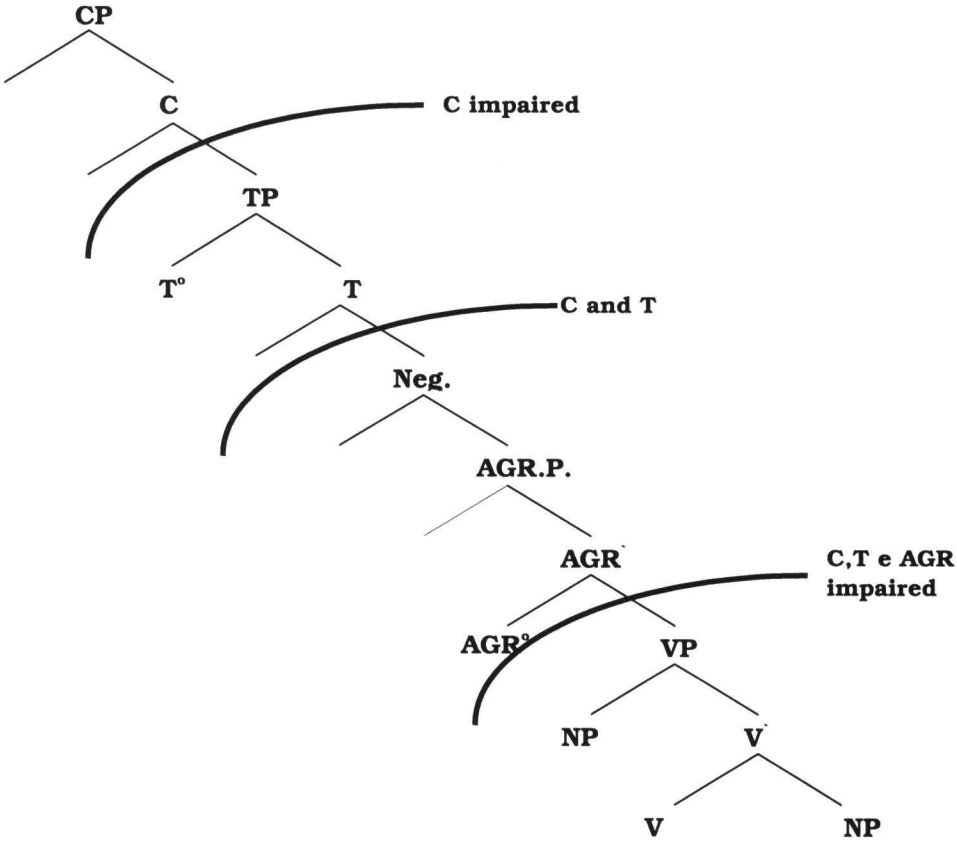
	Compreensão	Produção Espontânea	Produção através de Repetição	Montagem com Cartões
sentenças transitivas ativas e com verbos cópula	+	+	+	+
sentenças com topicalização de objeto direto	+	+	+	+
interrogativas	+	+	+	+
sentenças passivas sem agente	+	-	+	-
sentenças passivas com agente	+	-	-	-
sentenças com relações anafóricas	+	-	+	+
relativas com vestígio-sujeito	-	-	-	-
relativas com vestígio-objeto	-	-	-	-

Tendo constatado que o paciente havia adquirido parte das categorias funcionais, mas não compreendia relativas, apresentando dificuldades com a categoria contendo COMP e subordinação, considerei que o processo de re aquisição da linguagem está também relacionado às categorias funcionais.

Saber se o paciente compreende ou produz uma estrutura transitiva (SVO), se flexiona verbos, se é capaz de fazer derivar uma estrutura com tópico-objeto e de fazer uma pergunta com “Qu”, se compreende e repete a estrutura passiva e se compreende sentenças contendo relações anafóricas, preposições, subordinadas e relativas constitui indicativo para a confirmação de diagnóstico.

Através da investigação da competência sintática pode ser aferido ainda o grau de severidade de cada caso, através das pistas sintáticas fornecidas pela representação.

Esse grau de severidade do agramatismo pode ser diagnosticado conforme a hierarquia das categorias funcionais presentes na gramática do paciente, possibilidade esta apontada por HAGIWARA (1995) e FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995). De acordo com estas pistas sintáticas, quanto maior o grau de severidade do agramatismo, menor o número de projeções envolvendo categorias funcionais mais altas na representação. Analisados os dados, pode ser estabelecido o ponto de “poda” da árvore, conforme a competência para representação da projeção das categorias funcionais.



FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995)

Através desta representação podem ser determinados os graus de severidade do agramatismo pela localização da “poda” da árvore. Essa abordagem dos diferentes graus de severidade na síndrome do agramatismo é feita a partir da distinção dos níveis

onde ocorre o déficit na representação. Quanto mais baixo o lugar da “poda”, na representação em árvore, mais severo o grau de agramatismo.

A esse respeito, FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995) afirmam:

The tree - pruning hypothesis:

- a) C, T, e AGR is underspecified in agrammatism.
- c) An underspecified node cannot project any higher.

Severity metric for agrammatism.

For $P_1, P_2 \dots, P_n$, different variants of the syndrome, P_i , is more severe than P_{i-1} iff N_i , the node impaired in P_i , is contained in the c-command domain of N_{i-1} , the node impaired in P_{i-1}

FRIEDMANN e GRODZINSKY, 1995:s.n).

O esquema apresentado pelos autores tem, nos dados de acompanhamento longitudinal do agramatismo em português, suas predições testadas e confirmadas.

Os dados de P. e a pesquisa de casos de agramatismo em outras línguas permitem apontar que a diferença entre pacientes agramáticos está ligada ao grau de acesso às categorias funcionais. Essa acessibilidade às categorias funcionais depende de sua posição na hierarquia. Por isso, alguns pacientes compreendem passivas e outros não, alguns são sensíveis à flexão e outros não. Nos quadros de agramatismo moderado, algumas categorias funcionais como INFL e TOP podem estar presentes, e em quadros severos todas as categorias funcionais podem estar ausentes.

Estas pistas sintáticas só podem ser confiáveis se forem verificadas em estruturas diversas. A pesquisa sobre agramatismo que versa sobre um único fato sintático, embora possa ter como vantagem o aprofundamento explicativo de fatos sintáticos isolados, tem interesse apenas teórico, e não consegue explicar o fenômeno do agramatismo nem caracterizá-lo. No caso P., a correlação de fatos sintáticos em diferentes estruturas pôde oferecer pistas para o estabelecimento do grau de severidade da síndrome, a partir das categorias funcionais envolvidas.

A projeção dessas categorias, hierarquicamente organizadas, foi relevante para o estabelecimento do processo gradativo de construção das representações gramaticais no processo de re aquisição. Este processo pôde ser observado através dos dados produzidos em atividades de “uso” de linguagem, entre investigador e paciente e também através de investigações planejadas, para verificar se havia compreensão de estruturas que não se exibiam na sintaxe visível.

A partir das pistas sintáticas para o estabelecimento do grau de severidade do agramatismo, apesar das instabilidades, foram identificados três grandes momentos ao longo do acompanhamento longitudinal, no processo de re aquisição da linguagem no quadro do agramatismo de P.

A primeira etapa pôde ser evidenciada com a aquisição do verbo e início da projeção de INFL. Estando VP estruturado, os constituintes começaram a ser arranjados de acordo com a ordem canônica da língua. Considerando a produção de sentenças e verbos com flexão, esta etapa vai de 1984 a 1988: em 1984, verbos com flexão e

sentenças completas somam 27% das produções de P. e em 1985 e 1986 somam 38%. Esta porcentagem cai para 32%, em 1987 e 1988, e aumenta gradativamente nos anos seguintes. Estas instabilidades estão relacionadas à reaquisição de estruturas antes inexistentes.

A segunda etapa pôde ser delineada quando as formas verbais finitas passaram a ser cada vez mais produtivas e as marcas de concordância se manifestaram, apesar das instabilidades. Os dados evidenciam que as marcas de tempo se estabilizaram antes da concordância. Tais fatos, ou seja, a afixação de marcas de concordância e tempo, permitem afirmar que, nesta segunda etapa, a categoria funcional INFL quase se estabilizou. Estabilizou-se TOP na produção e começa a ser adquirida a categoria COMP para algumas produções de interrogativas. A categoria PASS da passiva estava disponível em LF para compreensão, mas não em FF para produção. A segunda etapa começa a ser delineada em 1989. É a partir deste ano que “Qu in situ” e “Qu” movido aparecem na gramática do agramatismo, e as sentenças passam a se estabilizar gradativamente na gramática do agramatismo de P., totalizando 25% a 30% das produções.,

A terceira etapa caracterizou-se pela aquisição da categoria funcional COMP, para compreensão e produção, e da categoria PASS para produção através de repetição, sem presença do agente da passiva. Apesar das dificuldades e instabilidades, com as estruturas interrogativas, pode ser considerado que o paciente está a caminho da estabilização de COMP em sua gramática. Nas orações completivas, COMP se faz presente na produção. Pode ser considerado que esta terceira etapa foi iniciada em 1992, quando o percentual de sentenças completas ultrapassa 50%. Há aumento de 22,4% na produção de sentenças simples e também aumenta o número de sentenças com “Qu” para 49%, quando consideradas as tentativas de construção de interrogativas.

Essas etapas, evidenciadas através do acompanhamento longitudinal dos dados de P., corroboram a confirmação da reaquisição hierárquica das categorias funcionais, das mais baixas para as mais altas: a aquisição de COMP se estabiliza posteriormente a INFL, o que é coerente com a hierarquia da projeção das representações, conforme propõem FRIEDMANN e GRODZINSKY (1995).

A análise de diferentes estruturas permite afirmar que a categoria COMP está sendo reimplementada gradativamente na gramática do agramatismo de P., mas ainda não está disponível nas operações sintáticas das estruturas relativas nas quais há encaixamento, isto é, adjunção interna. Esta operação obriga o paciente a computar flexões de duas sentenças e fazer indexação do SN movido com “Qu” e com o SN lexicalizado. Assim, além da operação com COMP, semelhante à estrutura interrogativa, o paciente precisa computar o encaixamento. Foi concluído que a proliferação de categorias funcionais provocava a desintegração da estrutura.

O estudo da hierarquia das categorias funcionais, num quadro patológico como o agramatismo, pode indicar com plausibilidade neurológica os rumos para o estudo da representação mental da linguagem, e o acompanhamento longitudinal de dados do agramatismo pode ser importante, ainda, para a constatação da possibilidade do desenvolvimento lingüístico nesse quadro patológico. O registro total dos dados em acompanhamento longitudinal e a descrição dos dados de P. podem representar um

material útil para pesquisas futuras na área, para comparação com dados de aquisição em português e reaquisição no agramatismo em outras línguas. São esses os dois pontos desse estudo que se destacam: o cerne dos problemas do agramatismo, concentrados sintaticamente na hierarquia das categorias funcionais, e a possibilidade de reaquisição da linguagem, a partir da projeção das categorias funcionais, das mais baixas às mais altas.

Dada a inexistência de estudos anteriores sobre o agramatismo em português e sobre a reaquisição de linguagem num quadro patológico de agramatismo, optei por apresentar um panorama geral. Considero que este trabalho preenche lacunas em pelo menos alguns aspectos: o estudo do agramatismo em português, a contribuição para o estudo translingüístico do agramatismo, a possibilidade de reaquisição de linguagem e a contribuição para diagnóstico de outros casos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, C., JOHSON, K., ROBERTS, I. (1989). "Passive arguments raised". In: **Linguistic Inquiry** 20:219-251.
- CAPLAN, D. (1987-1993). **Neurolinguistics and linguistic aphasiology**. New York: Cambridge University Press.
- CHOMSKY, N. (1986). **Knowledge of language: its nature, origin and use**. New York: Praeger.
- CORRÊA, L. M. C. (1986). **On the comprehension of relative clauses: a developmental study with reference to portuguese**. Doctoral Dissertation. University of London.
- COUDRY, M. I. H. (1986-1988). **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo : Martins Fontes.
- FRIEDMANN, N., GRODZINSKY, Y. (1995). "Tense and agreement in agrammatic production: pruning the syntactic tree". ms. Tel-Aviv Univeristy.
- GREGOLIN-GUINDASTE, R. M. (1996) **O agramatismo: um estudo de caso em português**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.
- GRODZINSKY, Y. (1984). **Language deficits and linguistic theory**. Doctor Dissertation. Brandeis University.
- _____. (1989). "Agrammatic comprehension of relative clauses". In: **Brain and Language** 37:480-499.
- _____. (1990). **Theoretical perspectives on language deficits**. Cambridge : MIT Press.
- HAGIWARA, H. (1993). "The breakdown of japanese passives and theta-role assignment principle by Broca's aphasics". In: **Brain and Language** 45:318-339.
- _____. (1995). "The breakdown of functional categories and the economy of derivation". In: **Brain and Language** 50:92-116.
- HICKOK, G., AVRUTIN, S. (1995). "Representation, referenciality and processing in agrammatic comprehension". In: **Brain and Language** 50:10-26.
- HICKOK, G., ZURIF, E., CANSECO-GONZALEZ, E. (1993). "Structural description of agrammatic comprehension". In: **Brain and Language** 45:371-395.

- LONZI, L., LUZZATI, C. (1993). "Relevance of adverb distribution on the analysis of sentence representation in agrammatic patients". In: **Brain and Language** 45:306-317.
- MAUNER, C., FROMKIN, V., CORNELL, T. (1993). "Comprehension and acceptability judgments in agrammatism: disruptions in the syntax of referential dependency". In: **Brain and Language** 45:340-370.
- MENN, L., OBLER, L.K. (1990). *Agrammatic aphasia: a cross-language narrative sourcebook*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- NUNES, J. (1994a). "**A participle construction in lithuanian: a reply to Baker, Johnson e Roberts**". ms. University of Maryland.
- OUHALLA, J. (1991). **Functional categories and parametric variation**. London, New York: Routledge.
- PACKARD, J. (1993). **A linguistic investigation of aphasic chinese speech**. Boston/London: Kluwer Academic Publishers.